

MEU AMIGO OLAVO SETUBAL

Luiz Carlos Bresser-Pereira

São Paulo, 4 de setembro de 2008. Publicado apenas em www.bresserpereira.org.br.

Um privilégio é poder conviver e aprender com pessoas dotadas de qualidades extraordinárias e um pouco mais velhas. No meu caso, este privilégio derivou da amizade com dois grandes economistas, Ignácio Rangel e Celso Furtado, dois políticos dotados de espírito público, André Franco Montoro e Mario Covas, e dois notáveis empresários, Otavio Frias e Olavo Setubal. Nem sempre eu me identificava com suas idéias, mas soube reconhecer neles uma combinação superior de competência profissional e de compromisso com o Brasil. E soube sempre com eles aprender.

Dentre essas seis personalidades, Olavo Setubal talvez tenha sido o que mais se distanciava de mim do ponto de vista das idéias políticas, porque ele era um conservador e se afirmava um pessimista, enquanto eu sempre busquei me identificar com posições de centro-esquerda e ser otimista. Entretanto, o que torna grandes os homens públicos não é seu conservadorismo ou seu progressismo, mas sua visão ampla do Brasil e do mundo, a independência de seu pensamento, e a capacidade de distinguir o interesse próprio do interesse público. Olavo Setubal foi impecável nesses três pontos.

Conheci-o e comecei a me tornar seu amigo em 1982 quando leu um artigo meu sobre a alta inflação inercial que desde 1980 assolava o Brasil. Era uma inflação independente da demanda agregada ou da oferta de dinheiro. Não se enquadrava, portanto, nem na perspectiva keynesiana nem na monetarista. Provavelmente ele percebeu que havia ali um argumento novo, e me convidou para almoçar no Itaú, então ainda na rua Boa Vista, com ele e seu grande e fiel companheiro, José Carlos Moraes Abreu. Depois dessa primeira conversa, além de encontrá-lo em momentos decisivos da história brasileira como foi o da

campanha pela transição democrática, almocei com ele através dos anos, uma ou duas vezes por ano; nos últimos anos nos novos escritórios no Jabaquara de que ele se orgulhava com razão, e que ele dotou de uma extraordinária coleção de arte brasileira.

Encontrávamo-nos sempre para conversar sobre os grandes problemas econômicos e políticos do Brasil. Sempre com algum grau de discordância. Mas sempre com a minha admiração pela capacidade que tinha Olavo Setubal de pensar com independência e criatividade. Empresário extraordinário, construtor de um império financeiro, ele também foi um grande industrial cuja última realização foi a Itaotec. Ele pensava o mundo e o Brasil de um ponto de vista conservador que privilegia a ordem sobre a igualdade, a tradição sobre a mudança, mas não confundia os interesses de sua classe ou de seu setor com os do país.

Na semana seguinte ao 29 de abril de 1987, data em que assumi o Ministério da Fazenda em seguida ao colapso do Plano Cruzado, encontrei no Rio de Janeiro, Celso Furtado, e, em seguida, em São Paulo, Olavo. Os dois tinham a mesma idade e a mesma inteligência, mas histórias pessoais muito diferentes. Não obstante, os dois me disseram então uma frase praticamente igual: “Bresser, você é um louco, está assumindo o Ministério da Fazenda na pior crise do Brasil desde 1929”. Eles também foram “loucos” à sua maneira: Celso enfrentou o Ministério do Planejamento no início dos anos 1960, em um momento de profunda crise do país; Olavo, depois de ter-se entusiasmado pela vida pública como prefeito de São Paulo no governo Paulo Egydio, foi nosso Ministro das Relações Exteriores, e candidatou-se a governador em 1986, mas o populismo econômico tomara conta do país naquele ano, e ele desistiu da candidatura.

Olavo Setubal era um liberal clássico que identificava a liberdade econômica com a política, mas seu liberalismo não o impedia de compreender a importância do Estado e da política na construção de uma sociedade nacional livre e próspera. Em uma das últimas vezes que o visitei, ele estava com um número da *Revista de Economia Política* aberto na sua mesa. Lia um artigo meu sobre o papel das estratégias nacionais de desenvolvimento. Disse-me logo que achava difícil que o Brasil tivesse uma estratégia como aquela que eu discutia no trabalho. Perguntei-lhe então: “como você pode ser tão pessimista, e ao mesmo tempo haver construído um tão extraordinário grupo empresarial?”. Sua resposta foi

imediate: “sou pessimista em relação aos outros, não em relação a mim mesmo”. Tenho minhas dúvidas que ele fosse tão pessimista como se dizia. Provavelmente a dialética que presidiu sua vida pública e empresarial foi a de um realismo sobre o presente em permanente contradição com uma confiança utópica em um futuro a cada dia construído.